

**Sofia de Carvalho**

*Ulisses, o Herói do Auto-domínio*

Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Literatura Grega III  
leccionada pelo Professor Doutor José Ribeiro Ferreira



Coimbra

Janeiro 2009

## Introdução

Neste trabalho propomo-nos desenvolver o tema: Ulisses enquanto herói do auto-domínio. Esta é uma análise da personagem de Ulisses na segunda parte na *Odisseia* de Homero.

O regresso de Ulisses a Ítaca é narrado no canto XIII desta obra que marcou e influenciou toda a cultura ocidental. Ulisses planeia o seu regresso ao palácio com a ajuda e o conselho de Atena. Aparentemente receoso de que lhe esteja guardado o mesmo fado de Agamémnon, o herói, ao invés de se precipitar em direcção ao palácio para voltar a ver a esposa e o filho, é interpelado por Atena que lhe propõe um plano de acção: disfarçar-se de mendigo e sondar a esposa, os servos, o filho, os pretendentes da sua esposa. Mas, este plano não se revela fácil. Ulisses muito ainda terá de suportar. A maneira como o herói de Ítaca lidará com o que terá de suportar em Ítaca, disfarçado de mendigo é o propósito deste trabalho.

Até que ponto Ulisses é capaz de controlar o seu impulso? Será Ulisses o herói forte capaz de suportar os insultos dos homens que ocupam a sua casa e lhe dizimam os rebanhos a seu bel-prazer? E outra questão: Até que ponto o controlo da cólera de Ulisses simboliza o meio *sine qua non* para atingir um fim: a vingança?

## Ulisses, o Herói do Auto-domínio

*“Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou”<sup>1</sup>*

*(Odisseia. I.1)*

O primeiro verso da *Odisseia* começa por identificar Ulisses como o homem **astuto**. Na *Odisseia* é esta qualidade de Ulisses a mais marcante e evidenciada. É claro que, em diversos episódios desta obra de Homero, a força e perícia físicas são fundamentais para a acção. Veja-se o episódio dos jogos no país dos Feaces (*Od.* VIII. 186 – 233), no episódio em que derrota Iro (*Od.* XVIII. 67 – 100), e episódio do arco (*Od.* XXII). No entanto, neste trabalho não queremos analisar a força física de Ulisses, mas sim a sua força psíquica. Ulisses é considerado por Atena o melhor de todos os mortais em conselho e em palavras. (*Od.* XIII. 297). Mas Ulisses não está sozinho na sua *αρηγή*. O seu filho Telémaco tem o epíteto de prudente (*πεννύμενος*) (*Od.* I. 213), a sua mulher, Penélope, tem o epíteto de sensata (*περίφρων*) (*Od.* XIX. 53). A toda a sua família são atribuídas qualidades reveladoras de um certo controlo da emoção imediata, de prudência.

Esta análise do carácter de Ulisses começa no Canto XIII, quando regressa a Ítaca. É apenas na segunda parte da obra que Ulisses vai ser exposto ao sofrimento directamente na acção e não em analepse – como acontece, por exemplo, no país dos Feaces, onde Ulisses narra os seus erros nos últimos dez anos. Aqui Homero introduz estes episódios na obra através da técnica da analepse. Na segunda parte do poema (*Od.* XIII – XXIV), o narrador vai expondo os episódios no tempo real da acção e vai explorá-los ao pormenor, dando uma maior percepção ao leitor do que Ulisses vai sentindo e pensado para si.

Detenhamo-nos por um momento em dois dos epítetos mais recorrentes de Ulisses na *Odisseia*: “πολύμητις Ὀδυσσεύς” (Ulisses de mil ardis, ou astucioso Ulisses) e “

---

<sup>1</sup> Tradução de Frederico Lourenço. HOMERO, *Odisseia*, trad. do grego e notas Frederico Lourenço (Lisboa, Cotovia, 2003). Todas as citações são desta tradução.

πολύτλας Ὀδυσσεύς ” (Ulisses que muito sofreu, ou o sofredor Ulisses)<sup>2</sup> . Estes dois epítetos mostram duas características do herói que serão fundamentais na análise da sua caracterização enquanto herói do auto-domínio. O epíteto “astucioso” dá-nos a informação da característica mais marcante do herói tanto na *Iliada* como na *Odisseia*. Na *Iliada* essa condição leva-o, por exemplo, a persuadir Aquiles a voltar para o campo de batalha (*Iliada*. IX. 225-306)<sup>3</sup>. A inteligência e argúcia de Ulisses, na *Odisseia* vai permitir-lhe escapar ileso no episódio dos Ciclopes, vai permitir-lhe que penetre no seu palácio sem ser reconhecido, que fale com Penélope, testando-a, sem ser reconhecido, que sonde os servos que lhe são infieis sem que eles o conheçam. No entanto, a inteligência e argúcia de Ulisses na segunda parte da *Odisseia* é muito mais que capacidade inventiva e astúcia.

Nos cantos que relatam o regresso do herói à terra pátria, a inteligência de Ulisses ilustra a sua capacidade de controlar o impulso espontâneo e fortes emoções. Ulisses sabe que as tem de controlar para que o plano vingue.

Este controlo do impulso característico de Ulisses é louvado por Menelau:

“Mas nunca com os olhos eu vi nada que se comparasse  
Com o amável coração do sofredor Ulisses.  
Que feitos praticou e aguentou aquele homem forte  
(...) Nós os dois estávamos desejosos de nos levantarmos  
E de sairmos; ou então de responder lá de dentro.  
Mas Ulisses impediu-nos e reteve-nos, à nossa revelia  
(...) E assim salvou todos os Aqueus”  
(*Od.* IV. 269 – 288).

Por ter esse controlo sobre o impulso, Ulisses impede os seus companheiros de saírem do Cavalo de madeira em Tróia. Caso tivessem saído, o plano da invasão da cidade de Príamo não teria tido sucesso. Este é o primeiro momento na obra em que percebemos a importância do controlo do impulso para a vitória. É a acção racional e premeditada que vai conduzir Ulisses à vitória, este é o primeiro exemplo, narrado em analepse.

Outro episódio em que Ulisses vence pela sua inteligência, pelo controlo do impulso, é relatado pelo próprio herói aquando da sua estadia no palácio de Alcínoo: o episódio do Ciclope Polifemo. Neste episódio Ulisses tem de controlar a sua fúria pelo Ciclope que lhe matou e comeu

---

<sup>2</sup> Estes epítetos repetem-se ao longo da obra. Por este motivo não consta nas citações a referência ao verso em que aparecem.

<sup>3</sup> HOMERO; *Iliada*; trad. do grego introdução e notas Frederico Lourenço (Livros Cotovia, Lisboa, 2005)

os companheiros e, de outra forma, preparar a vingança. Ulisses percebe que não o pode matar. Caso fizesse isso não haveria maneira de sair da gruta de Polifemo, pois a entrada desta encontrava-se bloqueada por uma rocha de tal maneira grande, que, para Ulisses e os seus companheiros, seria impossível de remover:

“Pensei então no meu espírito magnânimo aproximar-me  
dele e desembainhar a espada afiada de junto da coxa,  
e feri-lo no peito, entre o fígado e o diafragma, tateando  
com a mão. Mas um segundo impulso reteve-me.  
Ali teríamos todos encontrado a morte escarpada,  
pois com as mãos não seríamos capazes de afastar  
da alta entrada a rocha monumental que ele lá pusera.”

(*Od.* IX. 299 – 306)

A forma como Ulisses relata este passo ilustra claramente o pensamento ponderado de Ulisses perante um impulso irracional. O primeiro pensamento de Ulisses é matar o Ciclope, vingar os companheiros. No entanto, num momento segundo, percebe que isso não seria a solução mais acertada, visto que, se matasse o ciclope ficariam presos na gruta sem possibilidade de sair. O raciocínio de Ulisses é prudente, ponderado, e muito rápido. E é este raciocínio, esta personalidade que o vai fazer vencer.

O auto-controlo que Ulisses personifica seria um valor bastante louvado pela sociedade homérica, mas também pela Atenas do século V a.C.. O protótipo de homem racional, que não se deixa tomar pelo mero impulso irracional e que vence, precisamente porque é clarividente. No Canto XIII, Ulisses sabe, pela boca de Palas Atena, que o seu sofrimento ainda não terminou. Por sofrimento (*πασχειν* ou *αναχρασθαι*) entendemos controlo do impulso, auto-domínio. Mesmo depois de chegar a casa Ulisses tem de recorrer aos seus artifícios intelectuais, à sua inteligência e prudência, para que o plano da vingança resulte. Contudo teremos oportunidade de constatar que esse controlo, esse domínio nem sempre existe.

Não podemos analisar estes cantos segundo esta óptica sem, numa primeira fase, percebermos a importância do teste e do reconhecimento. É porque Ulisses quer sondar os familiares e os servos que tem de assumir o papel de mendigo. E é por querer, primeiro, sondar sem se dar a conhecer que o herói terá de se conter no seu impulso. A necessidade de se auto-controlar é necessária se Ulisses tenciona testar primeiro os seus familiares, os seus servos, os pretendentes de Penélope. Não haveria a necessidade deste auto-controlo se Ulisses regressasse a Ítaca e, de imediato, se desse a conhecer. Serão os resultados dos testes que irão dizer ao herói se é ou não seguro revelar-se, fazer-se reconhecer. No canto XVI, Atena aconselha Ulisses a revelar-se a Telémaco. Porém, isto não acontece sem que antes o rei de Ítaca tenha inquirido o seu filho (*Od.*

XVI. 40 – 190). Este exemplo é claro: não há reconhecimento sem que anteriormente haja um teste - este é o plano de acção de Ulisses. Porém, o episódio do reencontro com Euricleia, no canto XIX, irá fugir à regra. A fiel serva reconhece a inconfundível cicatriz no pé do amo. Apercebe-se de imediato que aquele velho mendigo é Ulisses, antes que este tivesse tempo de a sondar<sup>4</sup>.

De seguida analisaremos a segunda parte do Canto XIII. É neste canto que começa o grande desafio de Ulisses: controlar o seu impulso. A partir deste canto, Ulisses tem de simular ser um mendigo natural de Creta e tem de o simular perante todos os seus queridos: Eumeu, Penélope, Euricleia; e perante os seus adversários: os pretendentes de Penélope, os servos infiéis. Tudo isto em sua própria casa. Ulisses terá que ver o seu palácio, os seus servos a serem explorados por outrem, as suas riquezas a serem dispendidas por homens amigos do vinho e dos festins, sem nunca poder revelar a sua identidade antes do tempo estipulado para tal.

## 1. Ulisses e Atena (Canto XIII e XXII)

“Avançando com leveza, a nau cortou as ondas do mar,  
Transportando um homem cujos conselhos igualavam  
Os dos deuses, que já sofrera muitas tristezas no coração,  
Que atravessara as guerras dos homens e as ondas dolorosas  
Mas que agora dormia em paz, esquecido de tudo quanto sofrera”

*(Odisseia, XIII. 86-92)*

O Canto XIII relata o regresso de Ulisses a Ítaca. Centraremos a partir daqui a análise pormenorizada de Ulisses enquanto herói do auto-domínio. “Este episódio marca a transição entre

---

<sup>4</sup> Poderíamos, também, referir o exemplo do episódio do cão Argos como cena de reconhecimento sem teste. No entanto, o reconhecimento por parte de Argos, devido ao facto de não se encontrar no plano do humano, não irá condicionar o sucesso do plano de Ulisses.

a longa jornada num ambiente fantástico de deuses e povos e geografias dubitativamente reais; e o seu restabelecimento no que deveria ser a geografia familiar da sua terra natal.”<sup>5</sup>

Ulisses chega a Ítaca adormecido num “sono do qual não se acorda, dulcíssimo, semelhante à morte” (*Od.* XIII. 80). Desperta desse sono profundo, como se renascesse. Acorda e não reconhece a sua pátria, sente-se perdido, julga que se encontra em terra alheia, vagueando de novo: “Acordou então o divino Ulisses, / que dormia na sua terra pátria, embora não a reconhecesse” (*Od.* XIII. 187-88). O rei de Ítaca não conhece a sua amada terra pátria, pois Atena fez cair uma neblina “para lhe explicar tudo primeiro” (*Od.* XIII. 191). O papel da deusa neste passo é claro: impedir que Ulisses avance para o seu palácio sem que antes preparem, os dois, o castigo dos pretendentes. Para tal, a deusa, disfarçada de jovem pastor, aproxima-se do herói e responde às suas perguntas. Atena, informa-o que se encontra em Ítaca e pergunta-lhe quem é. O sofredor e divino Ulisses, faz-se passar por um filho do rei de Creta, Idomeneu. Não revela a sua verdadeira identidade. Este foi o primeiro teste a que Atena submeteu Ulisses. Satisfeita com o resultado Atena “transformou-se numa mulher/ alta e bela” (*Od.* XIII.288-89) e dirige-se ao herói que se regozija ao vê-la.

O reconhecimento mútuo de Atena e Ulisses acentua a semelhança que há entre eles – “Homem teimoso, de variado pensamento, urdidor de enganos:/ nem na tua pátria estás disposto a abdicar dos dolos/ e dos discursos mentirosos, que no fundo te são queridos. /Mas não falemos mais destas coisas, pois ambos somos/ versados em enganos: tu és de todos os mortais o melhor/ em conselho e em palavras; dos imortais, sou eu a mais famosa/ em argúcia proveitosa.” (*Od.* XIII. 293-99). Há aqui uma clara identificação entre a deusa e o herói. Esta qualidade de Ulisses, “δóλων ἄτ’”<sup>6</sup> (“insaciado de dolos”, o que está sempre disposto a arquitetar um engano), vai ser-lhe muito útil para cumprir o plano que Atena de seguida lhe propõe. Mais, é precisamente por Ulisses ser prudente que Atena não deixará de o ajudar, como ela própria o diz: “No teu peito está sempre algum pensamento:/ por isso não consigo deixar-te na tua tristeza,/ porque és facundo, arguto e prudente. Com que facilidade/ outro homem, regressando depois de ter andado perdido,/ se teria precipitado para o palácio, para ver a mulher e os filhos!/ Mas tu não desejas saber nem inquirir, antes de teres/ sondado a tua mulher,” (*Od.* XIII. 330-336) – neste passo torna-se claro que a deusa conhece Ulisses e sabe como ele tenciona agir. Por saber que é um homem prudente, astuto Atena propõe-se a ajudá-lo<sup>7</sup>. De resto, há muito que a deusa tinha organizado um plano para que Ulisses se vingasse dos pretendentes<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> AHL, Frederick e Hanna M. Roisman; *The Odyssey Re-Formed*; (Cornell University Press, 1996), p. 157

<sup>6</sup> δόλων: δόλων/contracção: δόλων, δόλων insaciado.

<sup>7</sup> Cf. DIMOCK, George E., *The Unity of the Odyssey*, “BOOK 13: Athena and Odysseus” (Amherst, The University of Massachusetts Press, 1989) pp. 185-186

<sup>8</sup> *vide Od.* V. 23-24

Ulisses terá de esconder a sua identidade, Atena diz-lho claramente: “que terás/ de sofrer no teu bem construído palácio; mas é forçoso/ que os sofras, e nada digas a nenhum homem ou mulher:/que tendo vagueado, aqui voltaste; mas em silêncio deverás/ sofrer muitas dores e submeter-te à violência dos homens” (*Od.* XIII. 306-10). Atena antecipa-lhe os seus próximos dias. Serão dias dolorosos, sofridos, a muito estará Ulisses exposto. Mas, para que triunfe é necessário que em silêncio os suporte. Ulisses tem de sofrer sozinho, tem de aguentar a dor sozinho, a ninguém poderá revelar a sua identidade antes da altura exacta. Ulisses terá que, por meio da razão, controlar o coração. Note-se que um dos epítetos de Ulisses mais recorrentes na *Odisseia* é “o sofredor e divino Ulisses” (*Od.* XIII. 250). Na verdade, o rei de Ítaca já muito tinha sofrido até ao regresso à pátria. Contudo, a intervenção de Atena supracitada, adivinha mais sofrimentos por vir. Isto é, mesmo tendo chegado a casa, Ulisses, antes de se dar a conhecer, terá ainda de sofrer muitas penas no seu coração. Mais tarde veremos como Homero retrata esses episódios de revolta interior de Ulisses.

O curioso é que Ulisses, antes de Atena lhe revelar como deveria ele agir, apresentou-se como outro que não ele, o habitante de Creta (*Od.* XIII. 256- 286). A deusa felicita-o por isso nos versos XIII. 330-338, pois qualquer outro ter-se-ia precipitado para o palácio sem pensar nas consequências que daí poderiam advir. Ulisses “facundo, arguto e prudente” (*Od.* XIII.332) não agiu assim. Mas porquê? Será apenas porque não reconheceu a pátria? Se foi apenas por isso, porque o felicita a deusa pela prudência que teve em não se dirigir de imediato ao palácio? E se não reconheceu a deusa porque sentiu necessidade de mentir quanto à sua identidade? Este passo não está totalmente claro. No entanto poderemos concluir que Ulisses falsifica a sua identidade como forma de precaução. O herói de Ítaca tenta evitar o reconhecimento. É uma atitude prudente. Faz parte da natureza de Ulisses essa prudência, essa perspicácia, essa argúcia. Assim, ficaria justificada a afirmação de Atena no verso XIII. 332. Atena conhece Ulisses, sabe que ele é de “variado pensamento, urdidor de enganos”, sabe que Ulisses levará a bom termo o plano que lhe preparou.

É certo que a deusa quer interpelar Ulisses para planearem o seu regresso seguro ao palácio. Atena tem um papel fundamental na realização deste plano. Ulisses louva Palas por isso: “Ah, na verdade eu estava prestes a sofrer o triste destino/ de Agamémnon, filho de Atreu, no meu palácio, / se tu, ó deusa, me não tivesses tudo dito, pela ordem certa!” (*Od.* XIII. 383- 385). Sem o conselho de Atena, Ulisses não teria o fio condutor que lhe vai ser fulcral para o sucesso da acção. Sem a metamorfose que Atena lhe aplica ser-lhe-ia impossível entrar no palácio e assistir aos festins dos pretendentes sem ser reconhecido.

De resto, durante toda a epopeia, Atena intervém em auxílio de Ulisses. Na Telemaquia é ela que acompanha Telémaco e que garante que o filho de Ulisses seja bem sucedido. É ela que



relembra os deuses no Conselho Divino do canto V, que Ulisses está cativo de Calipso (*Od.* V. 7-ss.). No país dos Feaces, é Atena disfarçada de Dimante que diz a Nausícaa, filha de Alcínoo para irem lavar a roupa, de forma que a jovem encontre Ulisses e o leve para o palácio de seu pai como hóspede. Mas é na segunda parte da epopeia (a partir do canto XIII) que a intervenção de Atena ganha mais ênfase. Atena vai ter um papel fundamental no que toca ao crescimento do sofrimento de Ulisses. Fará com que a acção dos pretendentes seja ainda mais ultrajante (18. 346-347). Fazendo assim com que a raiva e a cólera de Ulisses cresçam. Atena porá também à prova o seu protegido.

No canto XXII Atena vai entrar como o braço direito de Ulisses na batalha contra os pretendentes. Neste episódio, Ulisses, depois de reconhecer Atena por baixo do disfarce de Mentor, pede que a deusa o ajude a vencer os pretendentes: “Mentor, afasta a desgraça!” (*Od.* XXII. 208). Encolerizada com esta atitude covarde de Ulisses, a deusa repreende-o: “Já não tens, ó Ulisses, a força firma nem a coragem/ que mostraste quando por causa de Helena de alvos braços/ combateste durante nove anos” (*Od.* XXII. 226 – 228). Palas incita-o, provoca-o, quer “ainda pôr à prova a força e a coragem/ de Ulisses” (*Od.* XXII. 237 – 238). Contudo, não deixa de o ajudar e secretamente desvia todas as lanças arremessadas pelos pretendentes contra Ulisses e seus aliados - Telémaco, Eumeu, o porqueiro e Filício o boieiro (*Od.* XXII. 255 – 256), e provoca o pânico entre os pretendentes levantando a égide (*Od.* XXII. 296 – 297).

A intervenção do divino, tanto na *Odisseia* como na *Ilíada*, mostra que a relação deste com o humano é marcante, necessária. Essa relação é constante em todo o imaginário mitológico grego. Determinado herói é protegido por determinado deus e agredido por outro. Assim, será a excelência do herói e a ajuda do seu “deus protector” que o fará vencer todos os obstáculos. No caso da *Odisseia*, passa-se precisamente isto. Ulisses provocou Poseídon ao ferir o seu filho Polifemo. Poseídon, por sua vez, lança-lhe males terríveis (*Od.* V. 282 – 342), mais sofrimento. O deus protector de Ulisses é Atena que vai chamar a atenção das divindades para a questão do regresso de Ulisses a casa. Passaram quase vinte anos desde que partiu e começa a chegar a hora que tinha sido destinada pelos deuses para o seu regresso a Ítaca (*Od.* V. 7- 20). O auxílio de Atena, tanto neste episódio como nos anteriores e nos seguintes, é indispensável – é a deusa que constrói o plano que Ulisses deve cumprir (*Od.* XIII. 397-415), é ela que lhe diz que se deve revelar a Telémaco, é Atena que lhe inspira a coragem necessária para enfrentar a insolência dos pretendentes e dos servos infieis. A deusa de olhos garços vigiará Ulisses bem de perto (*Od.* XIII. 393) até que a vingança seja consumada.

Vimos atrás que Palas Atena aparece neste episódio com o intuito de travar Ulisses, para que este não se precipite para o palácio. Centremos a nossa atenção nos versos XIII. 383 – 388: “Ah, na verdade eu estava prestes a sofrer o triste destino/ de Agamémnon, filho de Atreu, no meu palácio,/ se tu, ó deusa, me não tivesses tudo dito, pela ordem certa!/ Mas agora tece um plano ,

para que os possa castigar./ E tu fica ao meu lado, inspirando-me abundante coragem,”. Ulisses apela à deusa para que ela não o abandone, para que fique sempre a seu lado. Tendo em conta o que já vimos atrás e nestes versos, creio que podemos considerar a intervenção de Atena, não só neste episódio como em toda a epopeia, como o símbolo da prudência e da argúcia, como a representação do Ideal de inteligência, de seguidor da Razão em detrimento do impulso. Palas Atena representa esse mesmo valor da sociedade homérica que seria o controlo do coração, do impulso por meio da razão. Atena auxilia Ulisses, é qualidade do herói. Atena personifica a Inteligência, a prudência e a Razão do Herói de Ítaca – a sua consciência. Um dos epítetos de Ulisses: “divino”, surge, à luz da interpretação acima desenvolvida das aparições e papéis de Atena na obra, como adjectivação do herói que tem em si o Valor transcendente e puro da Razão, da prudência. Esta qualidade racional de Ulisses vai sempre acompanhá-lo e levá-lo à vitória: “Decerto ao teu lado estarei: não te perderei de vista” (*Od.* XIII. 393).

## 2. Ulisses, o mendigo na própria casa

“Logo a seguir a Eumeu, entrou Ulisses no palácio,  
Com o aspecto de um pobre mendigo, triste e idoso, apoiado  
No seu bastão; e horríveis eram os farrapos que lhe serviam  
[De roupa”  
(*Od.* XVII. 335-338)

Vimos no capítulo anterior a importância e o significado da intervenção de Palas Atena no regresso de Ulisses a Ítaca. Neste capítulo iremos analisar o comportamento de Ulisses quando se encontra com os seus servos e os seus familiares.

A partir do canto XIII, como já vimos, Ulisses encarna a personagem de um cretense filho ilegítimo de Castor. Fá-lo perante Atena, fá-lo-á com Eumeu, e repeti-lo-á no seu palácio, perante Penélope, servos e pretendentes. Ulisses vai esconder a sua identidade por debaixo de um disfarce, de uma mentira. Contudo, fá-lo-á com um bom propósito: o de sondar, de perceber o que se passa e tem passado no seu palácio durante a sua ausência, de ver quais dos servos lhe têm sido fiéis e infiéis, saber o que sente Penélope. Só após esta sondagem será possível traçar um plano eficiente e justo, infalível.

### a) Reencontro com o servo Eumeu e Euricleia – os servos fiéis

O canto XIV relata a chegada de Ulisses ao casebre do seu servo, o porqueiro Eumeu. Como vimos no capítulo anterior é intenção de Ulisses saber o que se passa no palácio, mas também

inquirir e testar os próprios servos quanto à sua infidelidade. Ora, Eumeu mostra-se como o arquétipo do servo fiel. A sua fidelidade e dedicação aos amos irá ser demonstrada ao longo de toda a segunda parte da epopeia. Eumeu acompanha toda a estadia de Ulisses em Ítaca, desde a sua chegada até ao massacre dos pretendentes. No entanto, o Rei apenas se revela a Eumeu no canto XXI<sup>9</sup>. Ou seja, o servo acompanha o amo querido durante todo o processo e planeamento do massacre dos pretendentes sem saber que o mendigo é o seu amo. É ele que vai pôr Ulisses a par dos acontecimentos no palácio, é ele que o acompanha até ao palácio, é ele um dos aliados de Ulisses na batalha contra os pretendentes.

O diálogo entre Ulisses e Eumeu, no casebre do servo deve deter-nos, ainda que em breves linhas. Primeiro, desde que avista o mendigo, Eumeu rapidamente menciona o seu sofrimento pelo amo que não regressa (*Od.* XIV. 40 - 44), refere, em XIV. 61 – 67, as recompensas que Ulisses lhe teria dado se se encontrasse em Ítaca, e, sem que lhe fosse solicitado relata ao mendigo o que se passa no palácio de Ulisses (XIV. 80 – 108).

Ora, do nosso ponto de vista e concordando com a análise de Frederick Ahl e de Hanna M. Roisman<sup>10</sup>, está nas entrelinhas destas confissões de Eumeu, a esperança de que aquele mendigo possa ser o seu amo. Outro ponto curioso do diálogo entre Ulisses e Eumeu é a história que Ulisses pretende que seja a sua enquanto mendigo cretense. A partir do v. 210 Ulisses começa a narrar a história que condiria com o seu disfarce. Nela poderemos encontrar imensas semelhanças com a verdadeira história de Ulisses: “A coragem foram Ares e Atena que ma deram, assim como/ a capacidade de dispersar fileiras de homens; e quando escolhia/ os melhores guerreiros para uma emboscada, semeando o mal/ para o inimigo, nunca o meu coração indomável imaginava a morte/ mas era sempre eu o primeiro a saltar; e com a lança / matava o inimigo que com os seus pés fugia à minha frente.” E “Mas quando Zeus de larga vista planeou o caminho detestável/ então me mandaram e ao famoso Idomeneu/ comandar as naus até Ílion” e ainda “Ali combatemos durante nove anos, nós, filhos dos Aqueus;/ e ao décimo ano saqueámos a cidade de Príamo e voltámos/ para casa nas naus; mas um deus dispersou os Aqueus./ Para mim, desgraçado, Zeus congeminara algo terrível.”

No desenrolar da narrativa o mendigo alega ter ouvido Ulisses no palácio de Fídon, rei dos Tesprócios. (*Od.* XIV. 321). Perante a notícia que o seu amo está vivo e regressará em breve, Eumeu vai ter uma atitude de descrença, de negação. Não quer acreditar nisso, não quer cair nessa ilusão. Di-lo nestas palavras: “Mas há uma parte que para mim não está certa, nem me poderás / convencer a respeito de Ulisses: que necessidade tens tu,/ na tua situação, de mentir em vão?” (XIV.

---

<sup>9</sup> *Od.* XXI. 193 - 227

<sup>10</sup> AHL, Frederick e Hanna M. Roisman, *The Odyssey Re-Formed*, (Cornell University Press, 1996), p. 169.

363 – 365). Esta atitude de Eumeu vai ser repetida por muitas outras personagens quando Ulisses se revelar (por exemplo, Telémaco XVI. 194 – 195).

Outra personagem que se destaca pela fidelidade é a ama Euricleia. Como já foi referido em cima, a serva reconhece desde logo Ulisses pela sua cicatriz no pé. Logo no início do canto XIX a serva Euricleia aparece-nos preocupada com a situação por que passa o palácio de Ulisses. Quando Euricleia se dirige a Ulisses nos versos 363-381 usa a segunda pessoa do singular para se referir ao amo que julgava desaparecido e ao mendigo. Esta confusão não nos parece inocente: Euricleia mesmo antes de ver a cicatriz de Ulisses (prova da sua identidade) reconhece nele características idênticas à de seu amo: “Por isso te lavarei os pés, tanto pela própria Penélope/ como por ti, pois tenho o coração dentro do peito/ remexido de tristeza. Mas ouve agora isto que eu digo./ Já cá vieram ter muitos estrangeiros cansados, mas digo-te/ que como tu nunca vi nenhum que se parecesse/ tanto, pelo corpo e pela voz, com Ulisses.” (*Od.* XIX. 376-381). O excerto possibilitaria afirmar que Euricleia reconhece o seu senhor, não fosse, mais à frente no capítulo, afirmar que não o reconheceu até ver a cicatriz: “És Ulisses, meu querido filho! E eu que não te reconheci” (*Od.* XIX. 474).

Euricleia sabe que Ulisses regressou. Apenas ela, Ulisses e Telémaco sabem disto. Ulisses apressa-se em impedir que ela desvende este segredo a Penélope que estaria muito perto. E pede-lhe para que a anciã guarde segredo. As palavras de Euricleia ilustram muito bem a dedicação que a serva tem pelo seu amo: “Meu filho, que palavra passou além da barreira dos teus dentes!/ Sabes como é a minha força, firme e teimosa./ Resistirei como se fosse feita de dura pedra ou de ferro./ Mas dir-te-ei outra coisa : tu guarda-a no teu peito: se em teu/ benefício um deus subjugar os orgulhosos pretendentes,/ enumerar-te-ei os nomes das servas aqui no palácio,/ das que te desonraram e das que estão isentas de culpa.” (*Od.* XIX. 492-498). A serva caracteriza-se a ela própria como de força firme e teimosa, e promete resistir “como se fosse feita de dura pedra ou ferro”. Euricleia partilha com o seu amo a característica do auto-domínio, visível quando afirma: “resistirei como se fosse feita de dura pedra ou de ferro”. Outra sua característica importante é a sua fidelidade aos amos, tanto a Penélope como a Telémaco, e, claro, a Ulisses. Euricleia é a serva que mostra mais repugnância perante a insolência dos pretendentes e das servas.

#### **b) Revelação a Telémaco – identificação entre pai e filho**

No canto XVI, Telémaco regressa a Ítaca de Esparta, onde tinha ido em busca de notícias de seu pai. Detenhamo-nos neste canto. Nele começará a ser evidente a necessidade de Ulisses de dominar o impulso, o sentimento, o coração.

Neste canto dá-se a chegada de Telémaco ao casebre de Eumeu. Relembramos que Telémaco chega ileso de uma viagem perigosa, ameaçada por um ataque dos pretendentes. Tal facto é motivo de alegria que a personagem de Eumeu retrata: “Não acabara ainda de proferir a palavra, já o seu filho amado/ se encontrava na soleira da porta: e levantou-se o porqueiro,/ espantado, e das duas mãos caíram os recipientes nos quais/ estava a misturar vinho frisante. Foi ao encontro do amo,/ beijou-lhe a testa, os lindos olhos e ambas as mãos./ Dos olhos vertia lágrimas abundantes./ Como um pai que afectuosamente abraça o filho/ chegado de terra estrangeira após uma ausência de dez anos,/ filho único, filho querido, que muitas preocupações lhe dera –/ assim o divino porqueiro abraçou Telémaco semelhante aos deuses,/ beijando-o repetidamente, como alguém que à morte escapa” (Od. XVI. 11-21). George Dimock, na sua obra *The Unity of the Odyssey*, propõe uma interpretação curiosa, quanto ao episódio do regresso de Telémaco, que me parece digna de destaque. Segundo o autor, existe ironia na celebração da chegada de Telémaco. Ora a chegada do filho de Ulisses é celebrada como se fosse a mais aguardada. Certo é que, a chegada de Telémaco é, sem dúvida importante e digna de celebração. No entanto, celebra-se aqui a chegada de um quando o mais aguardado se encontra presente em cena, sem ser reconhecido.

Telémaco regressa a Ítaca e dirige-se de imediato ao casebre do porqueiro Eumeu. Ulisses permanece em silêncio perante a chegada do filho – qualquer outro homem depressa ignoraria qualquer plano quando visse o seu querido filho vinte anos depois de o ter deixado. Homero não refere uma única palavra face à reacção interior de Ulisses quando vê o seu filho chegar. Curioso este silêncio. Parece-nos que Ulisses no seu íntimo se questiona. Por um lado, esta perante o filho que não vê há vinte anos, com certeza a vontade de abandonar a sua personagem é intensa; por outro, sabe que isso poderá pôr em risco a sua vida. Aguardará Telémaco a chegada do pai? Será um bom regedor? O disfarce e o plano de Ulisses obrigam-no a não se revelar sem que antes sonde as pessoas que lhe são próximas quanto à sua fidelidade e à posição que assumem face à insolência dos pretendentes. Sem dúvida que Ulisses se revela a Telémaco após Atena assim o ordenar. No entanto percebemos, pela ordem da narrativa, que Ulisses terá de primeiro perceber se seu filho lhe é fiel, que é nobre e digno da sua linhagem (Od. XVI. 31–89). Somente depois de confirmar que Telémaco é prudente, ponderado, e sobretudo fiel ao pai, Ulisses revela-se. Mas detenhamo-nos um pouco na conversa de ambos.

Ulisses escuta a conversa de Telémaco com Eumeu acerca do palácio, do plano dos pretendentes. O herói esperará pelo momento oportuno para intervir. Nos versos XVI. 91–111, Ulisses começa o teste a Telémaco, não sem confessar os seus sentimentos. Detenhamo-nos no verso 91 - “ ἦ μάλα μευ καταδάπτειτ’ ακούουτος φίλον ἥτορ” / “pois muito se revolta meu coração ao ouvir-te”. Neste verso, parece-nos ser clara uma confissão de Ulisses. Primeiro sente raiva pelo que acontece no seu palácio. Mas mais importante que isso, penso que esta afirmação

tem também outra mensagem nas entrelinhas – o facto de Ulisses não poder satisfazer as ordens do seu coração – abraçar, beijar, revelar-se ao filho para juntos vingarem a sua honra, a sua propriedade.

No seguimento destes versos vem o interrogatório – Ulisses quer saber como se comporta o seu filho perante os pretendentes (“Diz-me se te deixas subjugar de bom grado, ou se és/ detestado pelo povo” *Od.* XVI. 95-96). De seguida Ulisses subtilmente cede informações quanto à sua verdadeira identidade - “Quem me dera ser tão jovem como os meus sentimentos,/ou então ser filho de Ulisses – ou até o próprio Ulisses!” (*Od.* XVI. 99-100). No entanto, depressa sugere um plano de acção completamente contrário ao seu – “Que imediatamente um estranho me cortasse a cabeça/ se eu me não tornasse o flagelo desses homens,/ entrando pelo palácio de Ulisses, filho de Laertes!/ Se a mim, sozinho, me subjugassem pelo seu número,/ preferia morrer assassinado no meu próprio palácio/ a contemplar actos tão vergonhosos” (*Od.* XVI. 102-107). Com esta intervenção, parece-nos claro que Ulisses testa o seu filho. Tenta perceber se de facto Telémaco age como Ulisses tenciona agir. Se Telémaco herdou a capacidade de controlo de seu pai. Percebemos que sim, Telémaco é ponderado na sua acção, quando pede a Eumeu que vá comunicar a Penélope a sua chegada mas que se apresse (*Od.* XVI. 130 – 153) “pois muitos dos Aqueus me querem fazer mal”. Telémaco, como seu pai, é também um homem que sofre em silêncio enquanto pondera a mais segura solução.

Somente quando percebe a natureza sensata e prudente de Telémaco, é que a Ulisses aparece Atena símbolo da sua consciência, da sua prudência e lhe ordena que se revele a Telémaco. Pois conhecendo Telémaco a verdadeira identidade do mendigo será possível o sucesso de todo o processo da vingança de Ulisses no canto XXII. Atena veste-lhe uma capa e uma túnica, aumenta-lhe a estatura e restitui-lhe a juventude que o disfarce de mendigo lhe tirara, e devolve-lhe a barba morena. Telémaco a princípio não quer acreditar. Toma Ulisses por um deus que apenas lhe quer trazer mais razões para se lamentar “*ἀλλά με δαίμων θέλγει, οφρ’ ἐτι μᾶλλον οδυρόμενος στέναχίζω*” (“mas és um deus que me engana/ para que me lamente, chorando ainda mais”) (*Od.* XVI. 194-195). É aqui que Ulisses se revela (*Od.* XVI. 188). “Assim falando beijou o filho; e das suas faces uma lágrima/ caiu para o chão, pois até aí as tinha retido corajosamente” (*Od.* XVI. 190-91) – Mais uma vez nos apercebemos aqui - “as tinha retido corajosamente” - o esforço de Ulisses para manter a sua personagem sob a tremenda emoção de rever o filho. Apercebemo-nos do controlo que Ulisses tem em si. A capacidade de aguentar tudo sem o expressar.

As semelhanças entre pai e filho são claras. Logo no canto XVI, percebemos que Telémaco também ele é prudente, como em cima vimos. Mas as semelhanças entre pai e filho serão evidentes durante toda a epopeia principalmente na segunda parte dela.

Quando Ulisses, depois de se revelar a Telémaco lhe apresenta o seu plano, Telémaco julga-o muito falível, apresenta-se bastante reticente quanto à sua eficácia “ó pai, sempre ouvi falar da tua grande fama,/ que és lanceiro tanto pela força como pela agudeza/ do espírito; mas aquilo que falas é enorme! Estou espantado./ Não seria possível a dois homens combater contra tantos valentes” (*Od.* XVI. 241 – 244) e mais, “Mas não penso que este plano será proveitoso/ para nós dois: peço-te pois que reflectas.” (*Od.* XVI. 311-312). Parece-nos que este passo explica bastante bem o epíteto de Telémaco: prudente (“πεπινυμένος”). Ulisses, então, diz-lhe que tenciona “Infiltrar-se no palácio”. Neste passo conseguimos perceber que Ulisses conta que Telémaco, tal como ele, seja capaz de no coração aguentar dores terríveis, controlando-as: “Se eles me desconsiderarem lá em casa, que aguente/ o teu querido coração enquanto estou a ser maltratado,/ mesmo se me arrastarem ao longo da sala pelos pés/ até à porta, ou me atirarem com coisas. Se vires isso, aguenta” (*Od.* XVI. 274-277). No canto XVII percebemos que, de facto, Telémaco, à semelhança de seu pai, possui a capacidade de dominar o seu impulso de cólera: “Porém Telémaco sentia no coração uma dor enorme/ porque bateram no pai, embora não permitisse/ que nenhuma lágrima lhe caísse das pálpebras até ao chão.” (*Od.* XVII. 489-491).

Telémaco representa o papel do filho valorizado por toda a sociedade grega desde a época arcaica até ao século V a. C. – o filho fiel que auxilia o pai, que não o esquece, que o respeita. E o jovem permaneceu-lhe fiel ao longo de vinte anos sem saber do seu paradeiro, e vai continuar a seu lado até que se consume a vingança, que, de resto, também deseja.

### **c) A insolência dos pretendentes e dos servos infiéis**

O canto XVII relata o regresso de Ulisses ao palácio com o porqueiro Eumeu. Neste canto Ulisses irá suportar terríveis ataques, muito terá de engolir para não se mostrar.

Logo nos versos 233-238, Ulisses é atacado verbal e fisicamente pelo servo, Melanteu, o cabreiro. “Ora vede como um asqueroso vem trazer outro asqueroso.../Para onde ó porqueiro miserável, levas essa criatura nojenta,/ esse estorvo de mendigo, para vir impingir-se ao jantar?/ (...)Mas dir-te-ei uma palavra, palavra que se cumprirá:/ se ele entrar no palácio do divino Ulisses,/ em torno da sua cabeça muitos bancos a voar pela casa,/ arremessados pelas mãos de homens, lhe ferirão as costelas./ Assim falou; e ao passar, na sua estultícia, atingiu Ulisses/ na virilha com um pontapé; mas não o fez tombar no caminho,/ pois Ulisses manteve-se firme, pensando se haveria de lhe saltar/ em cima e à paulada o privar de vida, ou se deveria antes/ pegar nele pelas orelhas e esmagar-lhe a cabeça contra o chão./ Mas aguentou e conteve-se” (*Od.* XVII. 217-239). Melanteu aqui simboliza o servo desrespeitador. Isto não significa que Melanteu desrespeite o seu amo, até porque não sabe que dele se trata. No entanto, revela uma atitude insolente. Este ataque a Ulisses é



o primeiro teste que o seu plano lhe impõe – controlar a cólera perante o insulto e a agressão de um dos seus servos. Ulisses passa no teste. Mas muito ainda estará para vir quando Ulisses entrar no seu palácio.<sup>11</sup>

Estão, agora, Ulisses e Eumeu, perante o palácio e aqui Ulisses dá pistas da sua verdadeira identidade “O meu coração aguenta: pois já muito sofri no mar/ e na guerra. Que isto agora se junte ao que já aguentei” (*Od.* XVII. 283-285). De facto, muito aguentou Ulisses no coração durante a guerra de Tróia e das suas errâncias. Mas estará preparado para regressar a sua casa sem que o seu coração se encha de cólera perante o que vir? O episódio do cão Argos traz ao leitor essa dúvida.

Chegado às portas do seu palácio, Ulisses reencontra o seu cão Argos, que jazia moribundo. Aqui, Ulisses não consegue controlar a sua emoção: “Então Ulisses olhou para o lado e limpou uma lágrima./ Escondendo-a discretamente de Eumeu” (*Od.* XVII. 304-305). Ora, Ulisses comove-se com a situação do seu querido cão que morre depois de o ver, como se aguardasse esse momento para se deixar falecer. Ulisses não resiste à mágoa: deixa cair uma lágrima. Ora, se por um lado, Ulisses se apresenta como herói que domina o seu impulso; por outro, revela-se fraco, sensível como qualquer outro humano.

Entra no palácio. Aqui começa o grande teste de Ulisses: aguentar a insolência dos pretendentes, ver, viver com os homens que lhe destroem os haveres e que o desrespeitam. Suportar os maus-tratos dos servos. Mas já no canto XIII Atena o tinha avisado que não iria ser simples este plano, para que o plano fosse bem sucedido Ulisses teria de muito ainda suportar. Chega ao palácio à sala onde todos banquetevavam, enquanto mendigo. Telémaco observa-o, encarnando a personagem que lhe foi destinada, ignorar o mendigo, quase desprezá-lo. Entra no palácio e Telémaco oferece-lhe de comer e de beber e ordena ao porqueiro que diga a Ulisses que há-de pedir esmola aos pretendentes. Depois de jantar “Atena incitou-o a imiscuir-se entre os pretendentes para pedir/ bocados de pão, pelo que veria quais eram justos e quais não o eram.” (*Od.* XVII. 362-363). Aqui começa o teste dos Pretendentes.

Antínoo depois de repreender Eumeu por ter levado o mendigo Ulisses para o palácio, dirige palavras insolentes ao próprio Ulisses (*Od.* XVII. 446-452) a que este responde no mesmo tom. Encolerizando-se, Antínoo atinge Ulisses na omoplata com um banco. O coração de Ulisses aguenta, guarda o rancor que mais tarde será libertado quando chegar a hora da vingança - “Mas Ulisses manteve-se/ firme como uma rocha: não o fez vacilar o arremesso de Antínoo./ Abanou em silêncio a cabeça; fundos e tenebrosos eram/ os seus pensamentos” (*Od.* XVII. 463-466). Começa-se já a adivinhar o plano de Ulisses quanto ao castigo de Antínoo, e por outro lado, percebe que muito

---

<sup>11</sup> Melanteu volta a insultar Ulisses, no canto XX. Mas este encontro é dissimulado pela chegada de um fiel servo – Filício.

ainda terá de passar até ter conseguido sondar todos os pretendentes e todos os servos e a própria Penélope. Depois de se refazer da cólera que remexia o seu coração Ulisses dirige-se aos pretendentes e, mais uma vez, dá uma pista da sua verdadeira identidade nas entrelinhas das suas palavras: “Direi aquilo que o meu coração no peito me impele a dizer./ Não causa dor ao espírito nem é vergonha alguma/ quando um homem é ferido em combate, pela defesa/ da sua propriedade” (Od. XVII. 469-472). Ulisses alude ao facto de os pretendentes estarem a destruir as suas propriedades.

No canto XVIII, a insolência dos pretendentes continua, por vontade de Atena até aumenta. Ulisses é ultrajado por Eurímaco (Od. XVIII. 351 – 404).

No início do Canto XVIII apercebemo-nos da entrada de uma nova personagem – Iro. O mendigo de Ítaca, insaciável. O episódio de Iro é importante, na medida em que por via da luta gerada entre ambos, Ulisses conquistará a atenção dos pretendentes para a sua força física. Mais uma vez Ulisses é insultado e desafiado a lutar. De certa forma, a luta traz a Ulisses dois factores positivos. Primeiro, mostra aos pretendentes a sua habilidade física, a sua perícia. Segundo, porque o facto de pelejar com alguém que o insulta pode simbolizar um alívio da cólera acumulada até então. Neste caso, Ulisses não tem necessidade de dominar a sua cólera.

A partir do verso 313 do Canto XVIII Ulisses começa a testar as servas quanto à sua fidelidade. Mais uma vez revela uma pista da sua verdadeira identidade - “pois eu sou aquele que muito suporta”/ “πολυτλήμων δὲ μάλ’ εἰμί”. Melanto é a primeira serva a dirigir-lhe arrogantes palavras: “Deves é estar bêbedo! Ou será que/ és sempre assim – e por isso é que dizes essas palermices?/ (...) Vê lá se não aparece aí outro mais forte que Iro,/ que com mãos mais rijas te esmurre essa cabeça toda” (Od. XVIII. 331-335). Homero, aqui, não se privou de esclarecer o ouvinte/leitor do que Ulisses sentiu perante tal insolência da serva: “Ele postou-se junto dos braseiros ardentes, tratando da luz/ enquanto olhava para todos; outras coisas lhe revolviam/ o coração, coisas que não ficariam sem cumprimento”. Analisemos estas palavras como Homero as idealizou: “αὐτὰρ ὁ πὰρ λαμπτήρησι φαείνων αιθομένοισι εσθήκειν ἐς πάντας ὀρώμενος· ἀλλὰ δέ οἱ κῆρ ὠρμαινε φρεσὶν ἦσιν, ἃ ῥ’ οὐκ ἀτέλεστα γένοιτο.” (Od. XVIII. 343-345). Ulisses procura o alívio da cólera no pensamento da futura vingança. É certo que no seu coração revolve a cólera, o ódio; mas o herói domina-os pensando na vingança que estará prestes a executar.

Atena vai ter um papel fundamental no que toca ao crescimento da cólera de Ulisses. Fará com que a acção dos pretendentes seja ainda mais ultrajante (Od. XVIII. 346-347). Deste modo, a raiva de Ulisses e o desejo de vingança será maior. O herói de Ítaca sabe que, para o plano vingar, não se pode deixar reconhecer. A própria Atena testa Ulisses, ou seja, a própria razão de Ulisses fá-

lo estar presente, fá-lo querer assistir a tudo para saber exactamente o que se passa, para conhecer ao pormenor a atitude dos pretendentes de sua mulher.

O início do canto XX é o que melhor ilustra o dilema vivido no íntimo de Ulisses. Encontra-se deitado preparado para dormir, mas o sono teima em chegar pois o coração do herói planeia a desgraça dos pretendentes – “εἰθ’ Ὀδυσσεὺς μνηστῆρσι κακὰ φρονέων ἐνὶ θυμῷ κεῖτ’ ἐγρηγοπόων” (*Od.* XX. 5-6). Vê as suas servas saírem com os pretendentes do salão em direcção aos quartos. Perante isto, todo o seu espírito se revolta. Os versos seguintes retratam como Ulisses vive o dilema: deverá esquecer o plano e arriscar-se a deixá-lo cair por terra matando ali mesmo as servas insolentes? Ou deverá antes aguardar pela Aurora? O auto-domínio de Ulisses é fulcral nesta etapa. Por isso, cremos, Homero não deixou de esclarecer o que Ulisses pensa para si mesmo: “Aguenta, coração: já aguentaste coisas muito piores/ no dia em que o Ciclope de força irresistível devorou/ os valentes companheiros. Mas tu aguentaste, até que/ a inteligência te tirou no antro onde pensavas morrer” “τέτλαθι<sup>12</sup> δῆ, κπαδίη· καὶ κύντεπό αλλο ποτ’ ἐτλης” (*Od.* XX. 18). Neste passo torna-se claro o conflito interno vivido por Ulisses. O rei de Ítaca controla plenamente o impulso do coração, da emoção. E fá-lo em situações bastante adversas como ele próprio exemplifica recordando o episódio do Ciclope Polifemo.

#### **d) Reencontro com Penélope**

É no canto XIX que se situa o episódio do reencontro de Ulisses, o mendigo, com a sua esposa Penélope.

A excelsa rainha pede ao porqueiro Eumeu que traga o Mendigo para que com ela fale, ainda no canto XVII (*Od.* XVII. 508-511). No entanto, o prudente Ulisses diz a Eumeu que transmita à rainha que será melhor falarem depois do por do sol. No canto XVIII após a luta de Ulisses com Iro e da sua subsequente vitória que Atena coloca no espírito de Penélope a ideia de se mostrar aos pretendentes, coisa que nunca antes tinha feito. Sensata, Penélope “com doces palavras” incita os pretendentes a oferecerem-lhe presentes de modo a que assim ela pudesse escolher o esposo que mais lhe convém, fazendo assim com que os pretendentes pagassem com presentes o que lhe tiraram em comida e em bebida.

---

<sup>12</sup> Imperativo do v. Τλάω - suportar, aguentar. Este verbo está na origem da formação do adjectivo πολύτλης que, como já vimos é um dos epítetos de Ulisses. Homero insiste bastante nesta característica do herói.

É no verso XIX. 90 que se dá o reencontro. Contando-lhe a sua história, Ulisses vai “assemelhando muitas mentiras a verdades” (*Od.* XIX. 203), vai deixando que Penélope o reconheça. No entanto isso não acontece. Penélope fica demasiado abatida com a história que ouve, com a lembrança que o mendigo Ulisses lhe traz à memória: “Assim lhe derretiam as belas faces em torrentes de lágrimas, chorando pelo marido, que estava à sua frente. Ulisses sentiu pena no coração da mulher que chorava. Mas nas pálpebras manteve os olhos imóveis, como se fossem de ferro ou de chifre; e pelo dolo ocultou as lágrimas” (*Od.* XIX. 208-212).

O teste a que Ulisses submete Penélope é o mais completo. O herói ao longo da sua conversa com a sua esposa, desenvolve a sua própria personagem de uma maneira que até aí não tinha feito. À medida que desenvolve a sua fábula e que atribui à personagem do mendigo episódios que Ulisses, ele próprio, viveu, a angústia de Penélope cresce a um ponto em que a esposa de Ulisses não retém as lágrimas. Ulisses permanece firme, tal como o combinado. A questão é que, mesmo após perceber que Penélope lhe permanecia fiel, Ulisses insiste em não se deixar reconhecer. De resto, só o fará depois da vingança consumada, no canto XXIII. E neste canto, antes de se deixar convencer que se trata de Ulisses, Penélope, testa o próprio marido (*Od.* XXIII. 181-ss.). Mostrando-se fria, a própria Penélope testa a fidelidade e a confiança que o marido depositaria nela.

### 3.

Defendemos neste trabalho o auto-domínio de Ulisses. E sim, parece-nos que esta é uma característica irrefutável do herói da *Odisseia*. Mas um herói que controle em pleno o seu impulso, a emoção consumiria uma vingança tão terrível como a que Ulisses consumou? É uma questão pertinente.

Uma das melhores qualidades do poeta Homero foi a de conseguir numa personagem como Ulisses abarcar estas duas características tão fortes do ser humano: a emoção e o domínio de si próprio. Não podemos considerar Ulisses como alguém a quem a emoção não toca - vimos isto em cima, as lágrimas que esconde, a revolta interior contra Melanteu e Melanto. Mas, por outro lado, não podemos ignorar esta característica tão importante como a sua capacidade de dominar o impulso emocional. Uma coisa nos parece clara: sem esta característica de Ulisses o seu regresso a Ítaca seria completamente diferente, a *Odisseia* teria um conteúdo narrativo substancialmente diverso.

A vingança de Ulisses é um acto de cólera. Mas a vingança não é um acto irracional. Ulisses ponderou-a, calculou-a, sofreu por ela. Aguarda-a até ter o seu arco nas mãos e lançar a flecha a Antínoo (*Od.* XXII. 8). Todos os momentos da vingança de Ulisses são ponderados, inclusivamente

o momento de se revelar a Eumeu e a Filício que serão seus aliados, é ponderado, isto é, testa, uma última vez, os servos.

Sabemos que Ulisses é bastante versado em enganos e tendo sofrido muito, sem grandes custos, aguenta o sofrimento que a falsa identidade lhe trará. Porém, é importante que tenhamos sempre em mente que Ulisses tem um objectivo a cumprir. Se falhar, põe a sua vida e a da sua família em risco. Sabe que o caminho a seguir é manter a personagem, nunca dela sair.

## Bibliografia

HOMERO; *Odisseia*; tradução do grego e introdução Frederico Lourenço (Cotovia, 2008)

DIMOCK, George E.; *The Unity of the Odyssey* (Amherst, The University of Massachusetts Press, 1990)

AHL, Frederick e Hanna M. Roisman; *The Odyssey Re-Formed*; (Cornell University Press, 1996)

OMERO; *Odissea*; traduzione di G. Aurelio Privitera (Arnoldo Mondadori Editore,1985)  
volume IV

OMERO; *Odissea*; traduzione di G. Aurelio Privitera (Arnoldo Mondadori Editore,1985)  
volume V

## Índice

Introdução	2
Ulisses o Herói do Auto-domínio	3
1. Ulisses e Atena (Cantos XIII e XXII)	6
2. Ulisses, um mendigo na própria casa	10
a) Reencontro com o servo Eumeu e com Euricleia – os servos fiéis	10
b) Revelação a Telémaco – identificação entre pai e filho	12
c) A insolência dos pretendentes e dos servos infiéis	14
d) Reencontro com Penélope	17
3.	18
Bibliografia	19
Índice	20